

O Futuro da Educação Superior e a Sociedade

Sessões da Comissão UnB.Futuro
Volume 1



O Futuro da Educação Superior e a Sociedade

*Sessões da Comissão UnB.Futuro
Volume 1*

UnB.FUTURO

O FUTURO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E A SOCIEDADE

Sessões da Comissão UnB.Futuro
Volume 1

O Futuro da Educação Superior e a Sociedade

Cristovam Buarque
Mozart Neves Ramos
Lauro Morhy
Paulo Speller
Adib Jatene
Naomar de Almeida Filho
Edward Madureira Brasil
Pascal Smet
Alvaro Toubes Prata

Jaime Martins de Santana, Isaac Roitman e Fernando Oliveira Paulino
(Organizadores)
Prefácio de Ivan Camargo

Comissão UnB.Futuro

Integrantes: Adalgisa do Rosário, Aldo Paviani, Daniele Perdomo, Ellen Fensterseifer Woortmann, Fernanda Sobral, Fernando Oliveira Paulino, Fernando Molina, Geralda Dias Aparecida, Isaac Roitman, Jaime Santana, José Carlos Coutinho, Luis Humberto Miranda Martins Pereira, Marcos Formiga, Neuza Meller e Vladimir Carvalho.

Capa Cris Nascimento
Diagramação Cris Nascimento
Apoio Universidade de Brasília



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UnB

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro – Faculdade de Comunicação, Brasília - DF,
CEP: 70910-900, BRASIL

Telefone: +55 61 3107-6627

E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldles, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Círcia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças
(UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofoletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Covi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla
(Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e
Madalena Oliveira (Portugal).

Catálogo na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica

CDU: 378

O Futuro da Educação Superior e a Sociedade. Sessões da Comissão UnB.Futuro /
Organização: Jaime Martins de Santana; Isaac Roitman; Fernando Oliveira Paulino – 1. ed.
– Brasília: FAC-UnB, 2016.

148p.; 23cm

ISBN 978-85-93078-08-8

1. Educação superior. 2. Universidade de Brasília. I. Título. II. Tema.

CDD: 353.8

CDU: 378

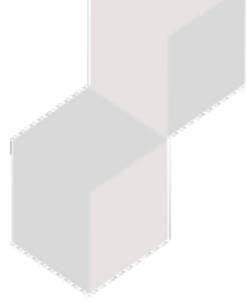
DIREITOS DESTA EDIÇÃO CEDIDOS PARA A FAC-UnB. Permitida a reprodução total ou
parcial, por qualquer meio desde que citada a fonte.

Sumário

Prefácio	11
<i>UnB.Futuro: espaço para reflexão e formação</i> Ivan Camargo	
Introdução	13
<i>A Comissão UnB.Futuro: diálogo entre universidade e sociedade</i> Jaime Martins de Santana; Isaac Roitman; Fernando Oliveira Paulino	
Capítulo 1	19
<i>O que é necessário fazer para que a universidade seja vanguarda no pensamento contemporâneo?</i> Cristovam Buarque	
Capítulo 2	29
<i>O Brasil que queremos e a universidade que precisamos</i> Mozart Neves Ramos	
Capítulo 3	39
<i>Autonomia universitária</i> Lauro Morhy Paulo Speller	

Capítulo 4	61
<i>A universidade e o futuro da Medicina</i>	
Adib Jatene	
Capítulo 5	75
<i>Anísio Teixeira e a nova Universidade Nova</i>	
Naomar de Almeida Filho	
Capítulo 6	111
<i>As universidades federais e o desenvolvimento do país: potencialidades e fatores limitantes</i>	
Edward Madureira Brasil	
Capítulo 7	23
<i>Internacionalização da universidade</i>	
Pascal Smet	
Capítulo 8	135
<i>A Inovação na universidade do século XXI</i>	
Alvaro Toubes Prata	

CAPÍTULO 5



Anísio Teixeira e a nova Universidade Nova¹⁵

Naomar de Almeida Filho¹⁶

Preparei esta exposição em três partes. Inicialmente, vou falar sobre o legado de Anísio Teixeira, de modo muito conciso e, portanto, fazendo justiça à diversidade e riqueza não só do pensamento *anisiano*, mas da ação por ele orientada. Anísio Teixeira gostava muito da expressão “pensamento e ação” advinda do pragmatismo, que sintetizava sua vida e obra. Na segunda parte, vou abordar, também brevemente, um movimento do qual a UnB foi nossa parceira e que, num certo momento, se chamou Universidade Nova. Essa expressão também vem do glossário *anisiano*, remetendo ao famoso movimento da Escola Nova, pois Anísio gostava de falar da universidade renovada. Por último, pretendo apresentar e discutir o argumento de que, no que se refere à universidade, inovar ou renovar é preciso, sempre. O novo se torna datado em tempo cada vez mais rápido e precisa se tornar mais novo ainda. Esse é o

¹⁵ Sessão realizada em 16/09/2013, no Auditório da Reitoria da Universidade de Brasília.

¹⁶ Médico e reitor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

maior desafio quando se pretende construir uma universidade de fato nova. Como vocês sabem, estou engajado na criação da Universidade Federal do Sul da Bahia, com a pretensão de que ela seja uma “nova universidade nova”, que terá que ser, nesse processo, continuamente renovada.

O legado de Anísio Teixeira constitui uma das contribuições da Bahia ao pensamento nacional. Anísio Teixeira nasceu em 1900, em Caetité, interior longínquo da Bahia, e morreu, ou foi assassinado, em 1971, no Rio de Janeiro. Nesse percurso, conseguiu deixar uma marca fundamental para repensar, reconstruir e revolucionar o cenário educacional brasileiro, entre 1923 e 1965.

Vejam estes quadros de Caribé, considerado um dos maiores pintores da Bahia:





Vocês acham que esses signos de baianidade pouco têm a ver com Anísio Teixeira? Pois Anísio foi o responsável por fazer de Caribé, que nasceu na Argentina, o mais baiano dos argentinos. Ramiro Bernabó, nome de batismo de Caribé, conta num depoimento porque veio e decidiu ficar na Bahia:

Rubem Braga, um dia, fez uma carta para Anísio Teixeira, secretário de Educação e Cultura,

e me disse: 'vai ver esse homem que ele vai lhe dar um emprego na Bahia'. Olhei a carta e fiquei morrendo de vergonha de tanto elogio que ele fazia. Aí vim para a Bahia. Entreguei a Anísio. Ele leu e disse: 'vamos ver, estou fazendo umas escolas, uma espécie de **universidade popular** e gostaria de fazer um painel e até tenho um recorte de uma ilustração sobre a Bahia'. Mandou a secretária buscar. Não tinha mais assunto quando a secretária voltou, era um almanaque que eu tinha feito. Aí pronto. Ele me disse: 'você vem para o ano e vamos arranjar tudo'.¹⁷

Foi assim que Caribé veio para a Bahia, graças a Anísio Teixeira quando Secretário de Educação no pós-guerra, nesse período muito rico na história do nosso estado, na redemocratização do país depois da queda da ditadura Vargas. Notem que, na conversa entre eles, aparece a ideia de uma universidade popular.

Anísio era um anotador compulsivo e sistemático, força do hábito. Eis uma anotação dessa época, num escrito publicado em 1957:

As ciências não nos irão dar regras de arte, mas conhecimentos para rever e reconstruir, com mais inteligência e maior segurança, as nossas atuais regras de arte, criar, se possível, outras e progredir em nossas práticas educacionais, isto é, nas práticas mais complexas da mais complexa arte humana. Tudo, na realidade, entra nessa prática. A nossa filosofia, concebida como conjunto de valores e aspirações, as ciências biológicas,

¹⁷ Depoimento de Caribé. In: PORTUGAL, Claudius. Outras cores: 27 artistas da Bahia - reportagens plásticas. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1994, p. 15-16.

psicológicas e sociais, todas as demais ciências como conteúdo do ensino, enfim, a cultura, a civilização e o pensamento humano em seus métodos e resultados.¹⁸

E vejam esta sequência, que não é do mesmo texto, mas o complementa perfeitamente:

De posse desses valores, em rigor espirituais, integrantes de sua cultura, um povo percebe quanto está aberta a possibilidade de sua modificação, seja pela *perda* desses valores conscientes, seja pela sua alteração ou renovação. A escola, criada para impedir a sua *perda*, ou modificação, não pode deixar de sentir-se, ao mesmo tempo, instrumento de sua possível modificação. Contra isto é que atua o propósito consciente de inércia, que domina toda sociedade, forçando a escola a se manter a mais conservadora das instituições, a instituição, por excelência, de defesa do *status quo*.¹⁹

Essas anotações mostram a linha serena e a consistência do pensamento de Anísio Teixeira, pensamento de uma força política imensa. Sua promessa – “Tudo farei para apressar o processo de unificação da escola brasileira e de destruição do dualismo obsoleto, de educação para elite e educação para o povo...”, cabe, hoje ainda, com total pertinência e oportunidade.

Quando a transformação se operar completamente a escola será uma escola práti-

¹⁸ TEIXEIRA, Anísio. Ciência e arte de educar. Educação e Ciências Sociais. v.2, n.5, ago. 1957. p.5-22.

¹⁹ TEIXEIRA, Anísio. Educação e o Mundo Moderno. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1977. p. 151.

ca podendo tudo ensinar, desde cursos de literatura clássica até cursos técnicos de ciência aplicada, mas com um novo espírito de formação democrática para o trabalho, a distinção entre seus alunos será distinção entre aptidões e não distinção social ou de salário, todos se educaram para ganhar vida, segundo suas inclinações ou pendores em uma sociedade que não conhecerá outra desigualdade, senão a do mérito, do esforço e da eficácia.²⁰



Aqui está a famosa Escola Parque de Salvador, oficialmente designada como Centro Educacional Carneiro Ribeiro, que existe e funciona até hoje.

²⁰ TEIXEIRA, Anísio. Educar para produzir. Rio de Janeiro: CAPES, 1952.



Nessa foto, Anísio Teixeira visita a Escola Parque pouco depois de sua inauguração. Impressionante seu enlevo e satisfação, olhando os meninos brincando e aprendendo. Enquanto esses outros senhores olham para a câmera, posando, Anísio está efetivamente imerso naquilo que era certamente o prazer maior do educador, a relação com os alunos.

No entanto, Anísio sempre foi um educador além do seu tempo, com aguda consciência da importância da prospecção do futuro, por isso certamente apreciaria muito vocês terem nomeado esta série de debates como UnB.Futuro. Sobre o futuro, vejamos este trecho de um dos seus discursos, publicado em 1963:

Estamos entrando em uma nova fase da civilização industrial com a explosão con-

temporânea dos conhecimentos, com desenvolvimento da tecnologia e com extrema complexidade consequentes da sociedade moderna, se a isto juntarmos a explosão de conhecimentos e as mudanças que os novos conhecimentos com suas consequências tecnológicas estão a trazer, podemos imaginar até que ponto as forças dos costumes, dos hábitos e das velhas crenças e preconceitos vão ser destruídas ou superadas, e quanto vai homem depender de sua cultura formal e consciente, do seu conhecimento intelectual simbólico e indireto para se conduzir dentro da nova e desmesurada amplitude de sua vida pessoal, a educação para este período da nossa civilização ainda está para ser concebida e planejada e depois disso para executá-la será preciso o perfil de um novo mestre dotado de cultura e treino que apenas começamos a imaginar.²¹

Para o projeto da nova instituição que estamos concebendo – a Universidade Federal do Sul da Bahia – estamos buscando construir um eixo conceitual consistente. Nesse sentido, fizemos uma revisão da obra fundamental de Anísio Teixeira. Ficamos realmente fascinados com a abertura do Mestre Anísio para um mundo que não existia naquele tempo, mas que é o que estamos hoje, um mundo onde a ciência e a tecnologia predominam. Vejam: “[...] nossa tarefa é hoje muito mais difícil” [...] – dizia ele no final dos anos 1950, “[...] primeiro porque precisamos fazer algo semelhante para todos e não apenas para alguns e segundo porque já não estaremos ministrando a cultura clássica, mas a complexa, vária, cultura científica moderna”. Só para nos situar-

²¹ TEIXEIRA, Anísio. *Mestres de amanhã. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.40, n.92, out./dez. 1963, p.10-19.

mos: quando, apenas cinco anos antes, a famosa Conferência de Cambridge de C. P. Snow inaugurava o discurso crítico à cisão das culturas acadêmicas,²² Anísio já dizia que as ciências compunham uma cultura científica, parte da cultura humana. E vejam que impressionante antevisão:

[...] os novos recursos tecnológicos e os meios audiovisuais irão transformar o mestre no estimulador e assessor do estudante, cuja atividade de aprendizagem deve guiar, orientando-o em meio às dificuldades da aquisição das estruturas e modos de pensar fundamentais da cultura contemporânea de base científica em seus aspectos físicos e humanos. Mais do que o conteúdo do conhecimento em permanente expansão, cabe-lhe, com efeito, ensinar ao jovem aprendiz os métodos de pensar [...], a fim de habilitá-lo a fazer de toda a sua vida uma vida de instrução e estudos.²³

Naqueles tempos, alguém afirmar que conhecer não é armazenar conteúdos, e sim incorporar maneiras de coletivamente construir conhecimento era pura vanguarda, mesmo num plano mundial. E mais ainda, às vésperas do obscurantismo da ditadura militar, muita coragem para agregar uma reflexão política de extrema atualidade, ao apontar que a revolução democrática, pacífica e sustentável pode ser viabilizada pela universalização da educação nos níveis iniciais, como condição de emancipação política e equidade social e pela ampla oportunidade de acesso à formação universitária, determinante do desenvolvimento econômico e humano das nações.

²² SNOW, Charles Percy. *As Duas Culturas*. São Paulo: Edusp, 1995.

²³ TEIXEIRA, Anísio. Mestres de amanhã. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.40, n.92, out./dez. 1963, p.10-19.



Aqui está Anísio, já funcionário do Ministério da Educação e Cultura, com Celso Furtado, ainda jovem, no final da década de 1950, quando, junto com Rômulo Almeida, concebe e organiza a Coordenação para o Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior. Transformada em fundação vinculada ao MEC, a Capes se tornaria o principal órgão fomentador da formação acadêmica no Brasil. Além de Celso Furtado e Rômulo Almeida, é importante destacar também a relação de Anísio com Darcy Ribeiro, que daria importante contribuição, pouco mais tarde, ao processo de organização da Universidade de Brasília. Muito do conceito de cultura que Anísio Teixeira expressa em seus livros vem de sólida formação teórica antropológica e de anos de convívio, debates, discussões e diálogos com Darcy.

A referência a Darcy Ribeiro remete a um tema que antecipei em conversa com o Isaac Roitman. Ousaria, aqui no coração da

UnB, propor uma releitura da história de criação da UnB. Admito que é pura ousadia, ou mesmo imprudência, porque sei que vocês têm um núcleo que vem estudando a história da educação brasileira com foco na história da UnB. Darcy é quase venerado como pai fundador da UnB e todos os que o conheceram sabem que ele nunca recusou homenagens. Isso é flagrante quando escreve:

Acresce que se devêssemos falar de pai fundador, uma outra vaga deveria ser aberta para Anísio que foi quem mais contribuiu para que a universidade de Brasília se concretizasse, é certo que em todo período de gestação e mesmo nos anos de implantação, Anísio e eu mantivemos polêmica acesa sobre o modo de organizar a universidade, ele defendendo a ideia de que a UnB deveria ser estruturada para operar apenas como um centro de pós-graduação, destinado a preparar o magistério superior do país, eu contra-argumentando que mesmo para funcionar como instituto de pós-graduação, era indispensável que administrasse também o ensino básico.²⁴

Quando li esse trecho, achei que o testemunho de Darcy, insinuando que Anísio trazia uma visão elitista da educação superior, não combinava com o pensamento de alguém cuja vida e obra se mostravam radicalmente fundamentadas na democracia, que exibia minuciosa e sofisticada concepção política para gerenciar complexas dinâmicas de transformação institucional. Mais ainda, de um líder intelectual que, desde o começo (lembrem-se do depoimento de Caribé) buscava a construção de uma universidade popular. Não, isso não fazia o menor sentido. Então comecei a me interessar por

²⁴ RIBEIRO, Darcy. *UnB, Invenção e Descaminho*. In: GOMES, C.A. Darcy Ribeiro. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2010, p. 101.

esse tema, aparentemente de importância secundária nas carreiras de personalidades tão marcantes para a história nacional.

Encontrei um pequeno texto do professor Héglio Trindade, que não alcançou maior repercussão, mas que contesta a narrativa construída por Darcy sobre a fundação da UnB.²⁵ Gostaria de propor que essa narrativa expressa um mito, repetido ano a ano. Diz esse mito que Darcy foi concebedor, criador, grande engenheiro institucional e líder heroico no processo de implantação da UnB e que Anísio Teixeira, um ilustre coadjuvante, inicialmente consultor e depois parceiro convidado por Darcy, teria tido uma posição contrária ao modo como a UnB se construiu. Gostaria de indicar também o papel decisivo de Cristovam Buarque para a acreditação desse mito, ao afirmar que a UnB tinha sido “pensada por um grupo liderado por Darcy Ribeiro e implantada por ele”.²⁶

Realmente, a narrativa da concepção e criação da UnB pode ser encontrada em grande detalhe principalmente em entrevistas e documentos escritos pelo próprio Darcy, depois que voltou do autoexílio. Darcy conta que

[...] em razão daquelas relações governamentais e destes vínculos com os problemas educacionais, é que surgiram condições para que eu viesse a ser encarregado de projetar a universidade de Brasília. Inicialmente, sem ser incumbido oficialmente disso, passei a me preocupar com o problema porque colaborando com Anísio no planejamento da rede do ensino primário e médio que se ia instalar na nova capital, comecei a cogitar do Ensino Superior.

²⁵ TRINDADE, Héglio. Anísio Teixeira e os desafios atuais da educação superior. Disponível em: http://www.ilea.ufrgs.br/unipampa/ANÍSIO_TEIXEIRA.pdf. Acesso em: 12 abr. 2014

²⁶ BUARQUE, Cristovam. *A aventura da Universidade*. São Paulo: Editora UNESP/Paz e Terra, 1994.

Darcy nem tenta esconder a autoatribuição da ideia original e de toda uma trajetória inicial que terminaria por fundar uma nova instituição e, a partir dela, sua tradição como fonte de inovação curricular, pedagógica e institucional. Sem qualquer rasgo de modéstia, afirma que:

[...] a ideia da criação da nova capital de uma universidade tão inovadora no plano cultural, quanto era a própria Brasília no plano urbanístico e arquitetural acabou interessando ao presidente, sobretudo depois que Vitor [Nunes Leal, Chefe de Gabinete de Juscelino Kubitschek] lembrou-lhe que Thomas Jefferson pediu que só se consignasse em seu túmulo que ele fora o criador da Universidade da Virginia.²⁷

Roberto Salmeron, testemunha engajada e cronista da cruel repressão militar ao projeto da UnB, contesta a versão de Darcy e inverte os papéis. Afirma Salmeron: “Anísio Teixeira fez um anteprojecto do qual participou Darcy Ribeiro, que trabalhava com ele no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e a quem Juscelino Kubitschek ainda não conhecia. Ocupado com o Plano Educacional de Brasília, ele [Anísio] deu liberdade de ação a Darcy Ribeiro, que iniciou muitos contatos”.²⁸

E todas as dúvidas se dissipam ao se dar a palavra ao próprio Presidente Juscelino Kubitschek, em seu livro-testemunho *Porque construí Brasília*, que de modo algum corrobora a narrativa mítica de Darcy. O Presidente JK registra com clareza:

Do meu entendimento com o ministro Clóvis Salgado resultara a escolha do técnico

²⁷ RIBEIRO, Darcy. UnB, *Invenção e Descaminho*. In: GOMES, C. A. Darcy Ribeiro. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010, p. 104.

²⁸ SALMERON, Roberto A. *A universidade interrompida*: Brasília 1964-1965. Brasília: Editora da UnB, 1999, p. 37.

que se incumbiria da tarefa: Anísio Teixeira. Tratava-se de um idealista, profundo conhecedor das melhores técnicas educacionais, e de um intelectual dotado da visão universalista do papel que competia à juventude desempenhar face aos desafios do mundo moderno. Só essas duas qualidades assegurariam de antemão a realização dos dois objetivos prioritários da universidade a ser criada: renovação de métodos e concepção de um ensino voltado para o futuro.²⁹

Quando assisti, em vídeo, a algumas entrevistas de Darcy (eu não o conheci pessoalmente, mas o professor Isaac Roitman, sim!) vi que era uma pessoa hiperativa, muito simpática, que se divertia com a autorreferência e gozava com o reconhecimento de todos.

Enfim, a hipótese que gostaria de propor é que o projeto inicialmente pensado por Anísio não foi o mesmo projeto que, após longo périplo, a UnB terminou inaugurando. Essa hipótese é reforçada por um detalhe simples: a UnB foi construída com um *campus* próprio, único, autocontido, sem referência ao sistema geral de educação e isso é *anti-Anísio*, mas próprio de Darcy Ribeiro. Salmeron já mencionara que Anísio muito investira na formulação do Plano Educacional de Brasília, que não se restringia apenas ao ensino primário e secundário. Isso é confirmado por um dos textos correlatos ao Plano, de autoria do próprio Anísio:

Como as necessidades da civilização moderna cada vez mais impõem obrigações à escola, aumentando-lhe as atribuições e funções, o plano consiste - em cada nível de ensino, desde o primário até o superior ou terciário, como hoje já se está a chamar - num conjun-

²⁹ KUBITSCHKE, Juscelino. *Porque construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975, p. 212.

to de edifícios, com funções diversas e considerável variedade de forma e de objetivos, a fim de atender a necessidades específicas de ensino e de educação e, além disso, à necessidade de vida e convívio social.³⁰

Encontrei, nos textos *Instituidores da UnB*, a exposição de motivos redigida por Anísio Teixeira, mas assinada pelo Ministro da Educação Clóvis Salgado, na qual se descreve a estrutura da formação universitária da nova instituição, da seguinte forma:

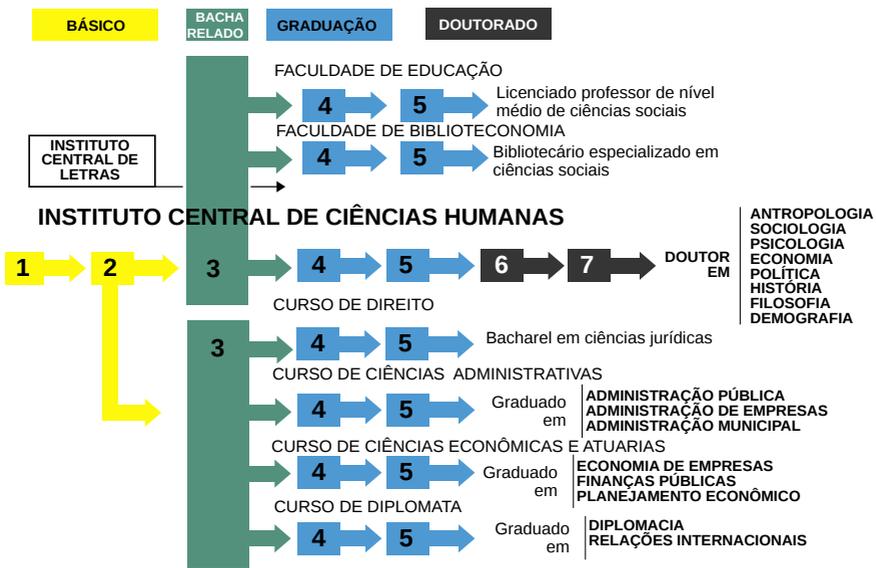
Propõe-se uma estrutura nova da formação universitária, para dar-lhe unidade orgânica e eficiência maior. **O aluno que vem do curso médio não ingressará diretamente nos cursos superiores profissionais.** Obterá uma **preparação científica e cultural** em Institutos de pesquisa e de ensino, dedicados às ciências fundamentais. Nesses órgãos universitários, que não pertencem a nenhuma Faculdade, mas servem a todas elas, **o aluno buscará, mediante opção, conhecimentos básicos** indispensáveis ao curso profissional que tiver em vista prosseguir.³¹ (Grifos meus)

Na sequência dos documentos de concepção e planejamento da UnB, essa arquitetura curricular aparece em várias versões. O modelo de ciclos de formação que deveria ter sido originalmente implantado na UnB, em alguns momentos, surge como um primeiro ciclo com duração de um ano, em outros, como um ciclo básico de

³⁰ TEIXEIRA, Anísio. Plano de Construções Escolares de Brasília. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar, 1961, p. 195.

³¹ BRASIL. Exposição de Motivos do Projeto de Lei que instituiu a UnB, enviado por Juscelino Kubitschek ao Congresso Nacional em 21 de abril de 1960.

dois anos, e ainda tem o ciclo de três anos, ou seja, como o primeiro ciclo para a entrada na formação universitária profissional. Contudo, o que termina registrado no Plano Orientador da UnB, publicado em 1962, reeditado pela Editora UnB por ocasião dos 50 anos da Universidade de Brasília, é um ciclo básico de dois anos e mais um ano para completar o bacharelado geral nos institutos centrais, antes do ingresso nos cursos profissionais de segundo ciclo e nos doutorados de pesquisa. Vejam como ficou o esquema da estrutura curricular:



Quando estávamos buscando modelos de reestruturação da universidade brasileira, numa perspectiva mais radical e profunda, nos anos 2006 e 2007, no que se chamou na época de *Movimento Universidade Nova*, nós nos baseamos muito na crítica radical de Anísio Teixeira ao sistema educacional superior brasileiro e no projeto da UnB. Trata-se do caráter da universidade não somente como reprodutora do *status quo*, mas como elemento ativo e efi-

caz de exclusão social. Esse argumento foi sendo aperfeiçoado e aprofundado e terminou como uma pequena metáfora que vou compartilhar com vocês.

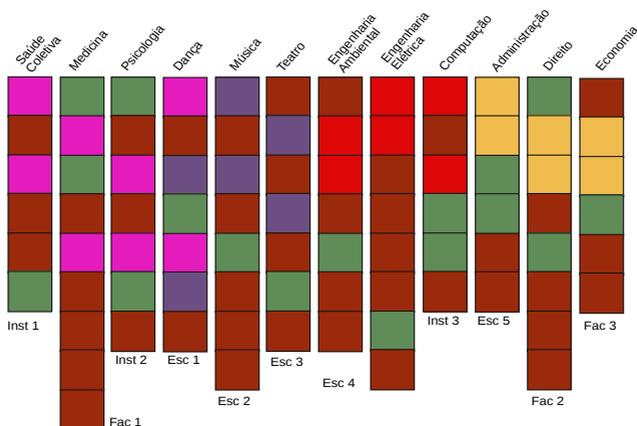


Vocês estão reconhecendo esse objeto? Isso é um funil. O funil é um instrumento extremamente útil para poupar líquidos preciosos, como a água no semiárido. O uso correto dos funis produz grande economia, pois evita a perda de líquidos na passagem ou troca de recipientes. E qual é a lógica do funil? É que a boca mais larga recebe o líquido, e a ponta mais estreita, o bico do funil, canaliza o líquido para o recipiente desejado.

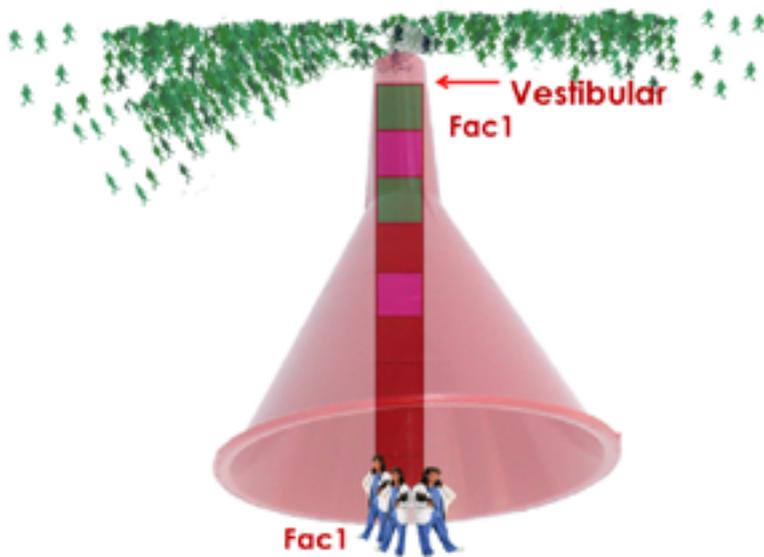


Muita gente fala que o vestibular, principal meio de entrada na universidade pública no Brasil, é um funil. Aqui está uma representação que achei na internet, certamente uma caricatura, muitos lutando, alguns caem de paraquedas, outros pulam por fora e poucos saem pelo bico do funil. Notem o contraste entre a cara preocupada e ansiosa dos que estão batalhando em cima do funil e o ar feliz de quem conseguiu sair. Então, se a universidade pública fosse como um funil, a metáfora estaria corretamente aplicada no sentido da captação e aproveitamento de pessoas como se fossem líquidos preciosos. Porém, essa metáfora está totalmente equivocada, como vou mostrar agora.

Para fazer essa análise, fizemos uma composição gráfica muito simples e objetiva. Aqui, cada coluna de blocos representa a trajetória curricular de um curso universitário. Os componentes da formação geral estão em verde, os componentes de grandes áreas do conhecimento têm cores diferentes e os componentes específicos de cada formação profissional estão em vermelho. No Brasil, os estudantes escolhem as profissões, carreiras, os respectivos cursos e mesmo as escolas, institutos, faculdades e outras unidades de formação antes mesmo entrar na universidade, porque o processo seletivo, que é o vestibular, é específico por área de formação e por unidade institucional. Ocorre que todas as formações têm componentes curriculares comuns a outras áreas aproximadas, e também componentes que, apesar de na maioria das universidades assumirem um caráter específico, não são tão específicos assim.



Por exemplo, na minha área de ensino, a Epidemiologia. Para os epidemiólogos, só existe uma disciplina chamada epidemiologia e não muitas epidemiologias distintas, mas na maioria das universidades, há epidemiologia para médicos, epidemiologia para enfermeiros, epidemiologia para sanitaristas, epidemiologia para farmacêuticos, etc. A Epidemiologia compõe a grande área da saúde, mas cada uma das escolas a traduz para sua própria linguagem na medida em que, no mais das vezes, cada escola se responsabiliza pela formação integral do seu aluno em carreiras profissionais exclusivas. Resultado: o aluno faz vestibular para Medicina, entra na faculdade de Medicina, cursa a faculdade de Medicina e se gradua na faculdade de Medicina, e nem sabe que existe uma universidade. A universidade serviu apenas para lhe dar aquele diploma bonito com brasão, timbre e assinatura do reitor. E isso se passa em todas as formações.



Examinemos o que acontece em uma dessas faculdades, a *Fac 1*, que faz parte de uma universidade qualquer. Observamos uma demanda social intensíssima, pois a multidão quer entrar no único curso ministrado por essa escola de grande prestígio social. Nesse exemplo, a universidade realiza uma seleção com-

petitiva e quase cruel, chamada vestibular, para entrada exclusivamente para esse curso nessa faculdade. Como muitos querem se formar nesse curso, pouquíssimos conseguem entrar e, portanto, poucos conseguirão concluir. Em cursos desse tipo, poucos vão sair, porque poucos terão entrado. Quase todo mundo acriticamente representa essa seleção como se fosse um funil. Será que é mesmo? E se essa metáfora fosse realmente válida, já se viu uso mais estúpido de um instrumento destinado a coletar e economizar líquidos, como é o funil? Se usarmos o funil com o bico menor para cima, ele vai realizar exatamente o contrário da função para a qual foi concebido. Ao colocar o funil com o bico para cima, numa cascata em um curso d'água, ou embaixo de uma torneira, para captar água, veremos que o funil cumprirá uma função oposta àquela para a qual ele foi produzido, vai desperdiçar água.

Do ponto de vista lógico, isso é o que ocorre no sistema de acesso à educação superior no Brasil. Parece loucura, mas é verdade. Será que é burrice? Creio que não. No processo social e político, não se trata de uma questão de insensatez ou irracionalidade, pois esse funil invertido cumpre uma finalidade que podemos até entrever: dessa multidão que busca a educação superior, poucos serão escolhidos, porque a instituição universidade cumpre, e bastante bem, sua missão de exclusão social.

Tenho defendido uma tese, é claro que se trata de uma proposição inicial, que pode servir para provocar uma discussão. Minha tese é que, neste momento, estamos passando por uma reforma universitária que começa em 2008 e prossegue.

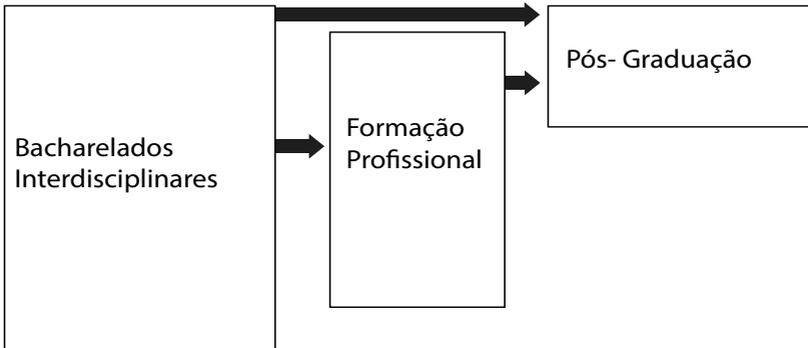
Essa reforma se define por expansão de cobertura e acesso, abertura de cursos noturnos – porque as universidades públicas eram célebres por não terem atividades à noite, com muitas exceções, evidentemente –; ampliação da pós-graduação; recuperação do financiamento – os reitores sabem o que era antes do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e o que é depois –; contratação de quadros docentes; plano de carreira universitária – provocado pela greve de 2012,

que aparentemente se conclui esse ano com os projetos de lei de conversão que estão sendo finalizados. Contudo, faltam pontos importantes nessa reforma, como a recriação da pós-graduação, pois a pós-graduação brasileira tem distorções e perversões impressionantes, e a reestruturação curricular.

A reestruturação curricular foi um dos disparadores do Reuni. Porém, na sequência da negociação política com os reitores e na finalização da proposta como programa de governo, isso deixou de ser uma diretriz, passou a ser prioridade e terminou como uma possibilidade. Murilo Camargo, nessa época, estava comigo no grupo de trabalho da Sesu/MEC para elaboração das diretrizes e normas do Edital que viabilizou a lei federal da reforma de 2008. Como resultado desse processo, algumas universidades implantaram o “regime de ciclos de formação”, introduzindo bacharelados interdisciplinares; a UnB esteve entre essas universidades inovadoras no início do processo, mas, por diversos fatores, pouco avançou na reestruturação curricular.

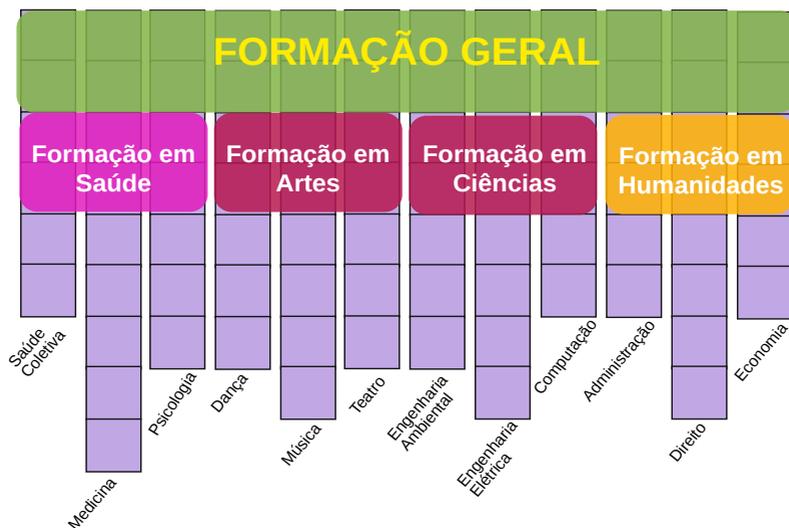
Para avançarmos nesta conversa, precisamos esclarecer o que é o Bacharelado Interdisciplinar. O BI compõe o primeiro ciclo de formação universitária, com duração de três anos, terminalidade própria e que pode ser também preparatório para uma graduação profissional de duração variável. Mas os egressos do BI podem inclusive avançar direto à pós-graduação. O BI é um curso de graduação plena que habilita o estudante a atuar no setor público, no segmento empresarial e no campo não governamental associativo, podendo também servir como requisito para a formação profissional de graduação (em cursos de segundo ciclo), além da formação científica, humanística ou artística de pós-graduação. O BI pode ser oferecido isoladamente ou em grandes áreas de formação. Na nossa universidade, ofertamos BIs em Artes, Humanidades, Ciências e Saúde. A estrutura interna do nosso BI compreende duas etapas: formação geral e formação específica. A etapa de formação geral é constituída por componentes curriculares que consideramos necessários para a vida universitária na sociedade contemporânea.

Regime de Ciclos de Formação



Vamos retomar o esquema que apresentei a vocês, há pouco, com um rearranjo. Todos os componentes verdes, de formação geral e comum a todos vêm em primeiro lugar, no início de formação universitária. Em seguida, os componentes que são compartilhados pelas diversas carreiras nas grandes áreas de formação, os “trancos comuns” que se tornou uma expressão muito usada no ensino das Engenharias, por exemplo. Nas etapas de conclusão da formação universitária, que compõem o segundo ciclo, concentram-se os componentes específicos e, em muitos casos, exclusivos, das distintas formações profissionais.

UNIVERSIDADE



Para melhor compreensão dessa estrutura gráfica, podemos compará-la com a arquitetura curricular típica da universidade brasileira. No formato tradicional, o aluno não ingressa na universidade, e sim naquela escola (ou instituto ou faculdade). Uma vez nela, gradua-se em um curso, muitas vezes sem participar da universidade. Para isso, tem que fazer a escolha do curso antes de entrar e, portanto, antes de saber em que consiste aquela formação. No novo modelo, o aluno entra primeiro na universidade e, dentro dela, pode escolher, entre diversos cursos, sua opção de graduação. Desse modo, sua carreira se define pela opção de saída, e não por uma escolha antecipada e prematura, antes de entrar na universidade, como no modelo antigo.

Nesse modelo, a primeira fase do BI compreende uma formação geral (*general education*, como chamam os norte-americanos) e a segunda fase inclui formação específica em uma das grandes áreas

do conhecimento, o que define exatamente o conceito dos bacharelados interdisciplinares. Portanto, o BI é, grosso modo, formação geral mais “trancos comuns”, o que pode incluir uma área de concentração não profissionalizante, mas introdutória de alguma profissão. A formação profissional ou acadêmica específica compõe o segundo ciclo e a pós-graduação o terceiro ciclo. Então, esse modelo define uma modalidade de curso, de formação geral universitária, com duração de três anos, graduação plena em grande área. Os próprios alunos, a partir daí, escolherão suas trajetórias formativas com conhecimento dos conteúdos e processos específicos, tomando decisões inicialmente em relação às grandes áreas e, depois, às áreas de concentração, preparatórias para cursos de formação profissional.

Universidades brasileiras com regime de ciclos

UFABC	Bacharelado em Ciências e Tecnologia Bacharelado em Ciências e Humanidades	UFJF	Bacharelado em Artes e Design Bacharelado em Ciências Exatas Bacharelado em Ciências Humanas
UFBA	Bi em Artes Bi em Humanidades Bi em Ciências e Tecnologia Bi em Saúde	UFSC	Bacharelado em Ciências Rurais Bacharelado em Tecnologia da Informação e Comunicação
UFSJ	Bi em Ciências e Tecnologia Bi em Biosistemas	UNIFAL	Bi em Ciências e Economia Bi em Ciências e Tecnologia
UFRB	Bacharelado em Ciências Exatas e Tecnológicas Bi em Saúde	UFOPA	Bi em Ciências Jurídicas Bi em Ciências da Sociedade Bi em Ciência da Educação
UFRN	Bacharelado em Ciências e Tecnológicas	UNESP	Bacharelado em Ciências Exatas
UFERSA	Bacharelado em Ciências e Tecnológicas	UNICAMP	Programa de Formação interdisciplinar Superior (ProFis)
UFVJM	Bacharelado em Ciências e Tecnológicas		

No início do ano de 2013, 13 universidades públicas brasileiras já ofertavam bacharelados interdisciplinares. Quase vinte mil alunos estudam nesse sistema. O primeiro Encontro Nacional dos Bacharelados Interdisciplinares foi feito na Universidade Federal do ABC, em Santo André, com cerca de 200 participantes. O segundo encontro ocorreu em Poços de Caldas, promovido pela UNIFAL; os organizadores esperavam 300 participantes e apareceram quase 500. O próximo vai ser na Bahia, ano que vem. A Universidade Federal do ABC é a pioneira em oferecer entrada única e exclusiva pelo BI, mas oferece apenas dois BIs, em Ciência e Tecnologia e em Ciência e Humanidades. Na Universidade Federal da Bahia, 1/5 das vagas são para BI. Após o Reuni, que foi fundamentalmente implantação de bacharelados interdisciplinares, passamos de 3.400 vagas de graduação para quase oito mil vagas ofertadas. Essas outras universidades oferecem distintas formas de BI, sendo que, em vários cursos da Universidade Federal do Oeste do Paraná, a entrada é também exclusivamente pelos BIs. No seu *campus* de São Paulo, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) abriu um BI na área de exatas, ano passado. E, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o Programa de Formação Interdisciplinar Superior (PROFIS) entra no seu segundo ano de oferta. Trata-se de uma formação interdisciplinar em primeiro ciclo em versão mais curta que o BI, de um ano e meio, porém somente uma fração diminuta de suas vagas é oferecida a alunos de escola pública do entorno de Campinas.

Para finalizar essa segunda parte da nossa conversa, e espero já começarmos uma discussão, selecionei esta frase de Darcy Ribeiro, escrita em 1978, quando ele volta ao Brasil após o exílio:

Não deixa de ser melancólico assistir ao anacronismo, a que não falta sua ponta de insolência, do Brasil de hoje, que minha geração ainda julgava novo e que a geração seguinte, essa que hoje debate e vota as nossas leis, aposta em mostrar que não é nenhum país jovem, mas antiga nação, liberta de ilusões, solidamente reacionária, dispos-

ta a restaurar o privilégio e a desigualdade como formas realistas e superiores de organização social. Embora essa orientação seja aparentemente a dominante no legislativo federal, conforta-nos a segurança de que tais resistências à mudança acabam por aguçá-la a consciência social, preparando-nos, assim, para mudanças possivelmente mais radicais.

Parece que nosso país continua nesse clima. Esse texto, de antontem, poderia ter sido escrito hoje e cabe como mote para introduzirmos uma nova possibilidade de pensar, ainda mais radicalmente, os temas da universidade brasileira contemporânea. Sobre o valor do novo na vida, passemos novamente a palavra a Anísio Teixeira:

Nihil novi sub sole é a máxima de uma sabedoria milenar, muito mais corrente ainda do que se poderia supor. A verdade, porém, é que o novo existe em tamanha extensão e intensidade, que a máxima poderia ser hoje transposta para outro extremo: *Omnia novi sub sole*. [...] O novo, em verdade, existe e o temos pela frente, cada vez mais novo ou, em verdade, novíssimo. A nossa época é, sem dúvida, uma das épocas de transformação, na vida da espécie. [...] Mas, em face da situação, tomamos as medidas necessárias para enfrentar o desafio do novo? ³²

A pergunta de Anísio ainda hoje ecoa e incomoda: “temos de fato condições de enfrentar os desafios do novo?”. A questão que se impõe é: “a universidade brasileira, esta que temos realmente, está

³² TEIXEIRA, Anísio. *Educação e o Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, p. 202-204.

preparada para os desafios da conjuntura contemporânea?”. Da pouca leitura que tenho da obra de Anísio Teixeira, busquei imaginar o que seria uma *universidade Anisiana*. Sem dúvida, trata-se de uma universidade massificada, com muita integração social, com uso intensivo de tecnologias. Como vimos, Anísio era fascinado pela tecnologia na educação, naquele tempo em que o audiovisual era a televisão, o cinema, quando educação à distância usava o rádio, antes do retroprojeto, quando não existia computador nem internet. Ele era fascinado por essas grandes invenções e sonhava com sua integração a todo o sistema de educação através da universidade. Não uma universidade de costas para o sistema de educação, como de fato ainda se encontra a universidade brasileira. Sobre as pedagogias da autonomia, na obra de Anísio, inúmeras são as citações sobre o tema do aprender fazendo, fazer pensando, refletindo, numa universidade criativa, desafiadora, ousada, internacionalizada, com o maior respeito à diversidade dos conhecimentos e das culturas. É interessante verificar que, mesmo sem usar a palavra *sustentabilidade*, nos vários escritos de Anísio, encontra-se grande preocupação com o meio ambiente; mesmo sem se referir aos termos *interdisciplinaridade* e *complexidade* – porque não eram do jargão da época, naquele tempo era raríssimo falar nisso –, Anísio antecipava as teorias da complexidade e defendia a integração entre os saberes.

Com a expansão do Reuni, o grupo que trabalhou conosco na Bahia aprendeu que o processo de interiorização da universidade não se dá sem contradições, como a dificuldade de fixação de docentes e modelos de gestão inadequados. A limitada cobertura regional parece que foi superada pela expansão, mas na verdade isso não ocorre, pois na interiorização criam-se subpolos. Porém, o mais impressionante é que encontramos na interiorização um paradoxo: o sucesso implica um fracasso. Bons cursos universitários no interior tornam-se fatores de exclusão social. Por que e como isso ocorre? Porque, ao saber que uma universidade está oferecendo um curso muito procurado, os jovens do resto do país tendencialmente ocupam uma proporção grande de vagas, e essa competição termina excluindo os jovens da região.

Ao construir o projeto da nova Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), convergimos para um conjunto de valores fundamentais: eficiência acadêmica, integração social, compromisso com a educação básica, promoção do desenvolvimento regional. Com base nesses quatro princípios, concebemos um projeto muito simples, com apenas cinco pontos: regime letivo quadrimestral, modelo de ciclos de formação, currículo modular flexível, cobertura territorial mais ampla possível, capilarizada em nível municipal, e uma estrutura organizacional leve. Vamos trabalhar com um regime de três quadrimestres, ou *quarters*, para compor o ano letivo. Isso não tem pioneirismo algum, pois a Universidade Federal do ABC (UFABC) já adota esse regime letivo desde sua fundação. O semestre adotado na universidade pública brasileira, e na federal em particular, é uma ficção, pois compõe-se de 16 ou 17 semanas, ou quatro meses. Normalmente, o primeiro semestre letivo começa em março e conclui em 15 de junho, e o segundo semestre inicia em meados de agosto e conclui antes do Natal. Na UFBA, como em geral ocorre nas outras Universidades Federais, ficamos cinco meses e meio ociosos em relação a atividades docentes, mas aqui na UnB provavelmente vocês devem ter uma dinamização muito maior do equipamento público.

Ao adotar o regime de ciclos, a nossa universidade vai abrir entradas exclusivamente pelos bacharelados interdisciplinares e somente pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Nenhum aluno vai poder entrar diretamente no curso de profissão, e sim através do BI. O aluno poderá concluir uma licenciatura interdisciplinar equivalente ao BI, e aqui já identificamos uma remissão ao projeto original da UnB. Pretendemos também oferecer uma possibilidade de saída precoce com empregabilidade rápida para formações tecnológicas, porque os egressos dos Colégios Universitários poderão ir para os Institutos Federais (IFBA e IFBaiano) que atuam na região, onde cumprirão somente a parte complementar das práticas.

Agora, a principal novidade, que não é novidade: os alunos que tenham feito todo o Ensino Médio nas escolas da rede estadu-

al ou nos municípios da região, com o escore do Enem, poderão entrar nos colégios universitários, onde farão o primeiro ano geral do BI, sem sair da localidade onde residem. O conceito de Colégio Universitário, como disse, não é novidade do ponto de vista da história nacional. Novamente recorreremos à antevisão de Anísio Teixeira que, em depoimento numa audiência pública do Congresso Nacional sobre a LDB de 1952, nunca aprovada, descreve com clareza esse conceito:

E o **colégio universitário**, nas escolas superiores... [onde] o ciclo inicial diplomaria os estudantes num primeiro grau de bacharel, o qual não importaria no direito de exercer a profissão. Este direito, para ser alcançado, exigiria que o diplomado seguisse em escola mais adequada o restante do curso, que seria o profissional propriamente dito.³³

Nessa afirmação, vemos que colégio universitário não significa escola de aplicação, como posteriormente vieram a se implantar em algumas universidades federais. Na concepção original de Anísio, o colégio universitário é a porta de entrada na universidade, descentralizada para que os alunos completem um primeiro ciclo, permitindo a passagem à educação profissional como segundo ciclo de formação. Essa proposição, inclusive com referência explícita a Anísio Teixeira, foi incorporada ao substitutivo da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que a União Nacional dos Estudantes (UNE) aprovou, depois de debates em três encontros nacionais, realizados entre 1960 e 1963. Dentre outros pontos de pauta, como extinção da cátedra vitalícia, planejamento no uso das verbas, extinção do vestibular, participação estudantil nos órgãos colegiados, destaca-se esse item que depois ninguém mais citou: criação dos colégios universitários. Vejam que primor a definição dos colégios universitários, totalmente *anisiana*, que consta neste documento:

³³ TEIXEIRA, Anísio. Depoimento e debate sobre o Projeto da Lei de Diretrizes e Bases (1952). In: _____. *Educação no Brasil*. Rio: Editora UFRJ, 1982.

O Colégio Universitário atenderia aos anseios da massa na medida em que, obedecendo a rigoroso planejamento, procurará dar ao aluno que nele ingresse uma visão geral das profissões, dentro de uma perspectiva mundial e brasileira, permitindo uma escolha consciente, voltada para a comunidade e não para si mesmo.³⁴

Agora me ocorre uma questão de história contingencial que pode abrir uma possibilidade de interpretação: como teria sido uma UnB que só ministrasse cursos de segundo e terceiro ciclos, dado que uma rede de colégios universitários já estaria em operação, articulando estreitamente o Ensino Médio público com a universidade?

Também o conceito de colégio universitário não é novidade do ponto de vista dos estudos comparados de educação superior. Outros países adotam esse sistema há bastante tempo. Nos Estados Unidos, chama-se *community college* ou *junior college*; hoje eles têm mais de dois mil estabelecimentos com esse sistema modular de Ensino Superior, no qual o aluno faz dois anos e depois completa o *college* em uma grande universidade. O estado da Califórnia é o que tem tal sistema mais amplo e consolidado, implantado na década de 1970 depois de um famoso *Masterplan* de educação superior. No Canadá, um sistema similar é o *Cégep* (*Collège d'enseignement général professionnel*), com uma variante muito popular descentralizada nas longínquas províncias, chamado *Cégep-distance*. Em Cuba, a chamada *Nueva Universidad*, movimento lançado por Fidel Castro, é pluri-localizada no interior, é a “micro universidade do município”, denominada de SUM, sigla para *Sedes Universitarias Municipales*. Hoje, mais de 60% da população cubana tem escolaridade superior em função do acesso descentralizado em mais de três mil sedes universitárias municipais, com uso de tecnologias de informação e comunicação e dispositivos de ensino profissional. Outras experiências

³⁴ UNE. Substitutivo à Lei de Diretrizes e Bases. Rio de Janeiro: União Nacional dos Estudantes. *Cadernos*, 1963, p. 49.

europeias – Suécia, Noruega e Alemanha – foram incorporadas ao processo de Bolonha já em 2004, com o chamado ciclo curto.

Então, o que é o Colégio Universitário no nosso projeto? São unidades descentralizadas, usando instalações da rede estadual de Ensino Médio, aquelas que ficam ociosas pela alta evasão dos alunos, integradas em rede digital, com tutorial local, em todos os municípios da região Sul da Bahia que têm mais de 20 mil habitantes, bem como nas periferias urbanas das cidades maiores, quilombos, assentamentos e aldeias indígenas. Aí, há mais um detalhe: o aluno vai concorrer com os seus pares do município, numa proporção regulada pela instituição de três para um; quer dizer, para cada 300 egressos do Ensino Médio, vamos abrir 100 vagas no colégio universitário daquele município. O funcionamento dos colégios universitários se baseará fortemente na rede digital de alta velocidade, a fim de levar a todo o sistema de conteúdos curriculares produzidos em todos os pontos da universidade. Aos sábados, equipes docentes vão fazer supervisão, coordenação e orientação dos estudantes e tutores. Ao completar 1.200 horas, o aluno obterá um certificado de formação geral universitária, que permite progressão ao bacharelado interdisciplinar até completar o primeiro ciclo.

Na UFSB, as licenciaturas serão interdisciplinares, nas quatro áreas do Enem, incluindo mais uma área que o Enem não cobre: Artes e suas tecnologias. Assim, não pretendemos oferecer licenciaturas disciplinares restritas ou convencionais, não teremos licenciatura em física, ou em química, ou em biologia, ou em história, ou em geografia, ou qualquer uma dessas repartições do conhecimento; vamos, aliás, seguir o que a LDB já definiu e o Conselho Nacional de Educação (CNE) regulamentou, mas o sistema de educação e as universidades não seguem, apesar de o Enem agora restabelecer o perfil interdisciplinar da formação docente como desejado. Qualquer saída de primeiro ciclo preenche requisitos para o segundo ciclo, profissionalizante ou acadêmico; então, o aluno que entrou pelo Colégio Universitário pode concluir o BI (Bacharelado Interdisciplinar) ou a LI (Licenciatura Interdisciplinar), a depender do seu índice de rendimento. Os escores e outros critérios, variando

por curso e carreira, podem ser usados para progressão a uma formação profissional em segundo ciclo.

Na pós-graduação, vamos certamente enfrentar outras polêmicas, pois não pretendemos abrir mestrados acadêmicos terminais, que só existirão como passagem privilegiada para os doutorados. Novamente, esse é um elemento extraído do projeto original da UnB que também nos aproxima da arquitetura curricular do Processo de Bolonha. Nossos mestrados serão preferencialmente profissionais, na configuração prioritária do terceiro ciclo de formação. O que são mesmo esses mestrados profissionais? Planejamos formatá-los como programas de residência ou especialização com trabalhos de conclusão sobre problemas concretos de interesse da instituição ou organização patrocinadora. É claro que o modelo da residência médica está aí, mas teremos também residências multiprofissionais em saúde, em políticas públicas, em gestão social, residência empresarial, industrial, pedagógica, artística, ambiental, jurídica e em outros espaços de prática que se abram à inovação.



Acima está o mapa da Região Sul da Bahia, território de abrangência da UFSB. Ao norte, em Itabuna, encontra-se o Campus Jorge Amado, onde está a sede da Reitoria, com um Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), que acolherá os alunos dos BIs, além do Centro de Formação em Ciências, Tecnologias e Inovação e do Centro de Ciências Agrárias, que ofertarão programas de segundo e terceiro ciclos. Em Porto Seguro, no Campus Sosígenes Costa, localiza-se outro IHAC, o Centro de Formação em Artes, o Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais e Centro de Formação em Ciências Ambientais. No extremo sul, em Teixeira de Freitas, encontra-se o Campus Paulo Freire, que também tem um IHAC, e abriga o Centro de Formação em Saúde. Cada campus coordena um segmento da Rede Anísio Teixeira de colégios universitários, localizados nos municípios com mais de 20 mil habitantes do seu entorno, além de áreas de baixa renda, quilombos, assentamentos e aldeias indígenas. O tamanho de cada Colégio Universitário é proporcional ao número de egressos do Ensino Médio público daquele município; Ilhéus, por exemplo, tem 1.600 egressos do ensino público e receberá 600 vagas de Colégio Universitário, enquanto Itacaré terá um colégio universitário de 100 vagas porque esse município juntamente com o vizinho, Marauá, formam uma média anual de 300 egressos do Ensino Médio público.

Pois bem, vamos ver como o sistema funciona: um aluno residente em Itacaré completou ali todo o Ensino Médio, tem boas notas; faz o Enem, pontua no terço superior da escala de escores, ganha uma vaga na universidade sem precisar sair de sua cidade; através da Área Básica de Ingresso entra no colégio universitário; como seu desempenho continua bom, pontua no terço superior do quociente de rendimento, ganha sua vaga no IHAC de Itabuna, onde pode escolher entre as quatro áreas do BI: Humanidades, Ciências, Saúde ou Artes. Bem informado e bem orientado por seus docentes e tutores, pretende fazer algum curso de engenharia; para isso, conclui em mais dois anos o BI em Ciências com um bom aproveitamento e preenche todos os critérios de progressão, ganha uma vaga no Centro de Formação em Ciências, Tecnologias e Inovação,

onde faz o seu curso de Engenharia e, se for selecionado, ingressa numa pós-graduação. Agora, se esse estudante quiser fazer Direito, como não haverá curso de Direito em Itabuna, poderá em mais dois anos completar o BI de Humanidades e, se tiver bom aproveitamento e cumprir os critérios de progressão, pode ganhar uma vaga no Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais, em Porto Seguro, onde, em mais três anos, vai completar o curso de Direito. Se esse aluno quiser fazer Medicina, terá feito em Itabuna o BI de Saúde e não o de Humanidades ou de Ciências, e virá para o Centro de Formação em Saúde, em Teixeira de Freitas. Esse sistema permite uma flexibilidade e uma dinâmica de mobilidade que é recíproca em toda a rede institucional. Como cada um dos *campi* nucleia um segmento da rede de colégios universitários, de modo que o aluno de Itanhém, um pequeno município localizado no extremo-sul, quase fronteira com Minas Gerais, pode entrar na UFSB, competindo com seus colegas de Itanhém e, tendo um bom desempenho, pode vir para Teixeira de Freitas cursar o BI de Ciências no IHAC do Campus Paulo Freire, para depois completar sua Engenharia em mais dois anos em Itabuna. Dessa maneira, modulamos por localização geográfica inclusive a entrada na educação superior pública, reduzindo a exclusão territorial que, pelo menos na maioria das universidades, tem sido negligenciada nos programas de ações afirmativas.

E vamos agora rapidamente, para concluir, percorrer algumas das inovações pedagógicas que pretendemos implantar na UFSB. Nossos alunos não vão se matricular; eles vão firmar e renovar contratos pedagógicos, a fim de assumir compromissos de aprendizagem, de convivência, de solidariedade e de responsabilidade institucional. Ao escolher a estratégia pedagógica que mais se adequa ao seu perfil de aprendizagem, esse aluno será mais responsável e mais bem instruído sobre o que realmente significa sua própria formação numa instituição pública. Os cursos profissionalizantes (segundo ciclo) serão predominantemente práticos e seguindo os princípios dos BIs e LIs, centrados no estudante, baseados em problemas concretos, com oficinas de práticas orientadas por evidências.

Uma estratégia que estamos valorizando muito são as equipes de aprendizagem ativa, em especial no segundo ciclo, nas quais os alunos vão participar de grupos de estudos e práticas formados por colegas de todos os anos do curso, em equipes articuladas com dois a quatro alunos de cada ano, orientadas por residentes tutores, supervisionados por preceptores, e toda a cadeia será orientada por supervisores docentes. Articulada a essa estratégia de aprendizagem compartilhada, ou *shared peer-learning*, vamos introduzir outra proposta que certamente também vai criar polêmica: as avaliações de aproveitamento acadêmico terão três dimensões: o aproveitamento individual, o sucesso da equipe e o aprendizado de um colega que cada aluno terá sob sua responsabilidade. Isso significa implantar uma estrutura integrada de compartilhamento da aprendizagem, na qual os residentes, que são os alunos dos mestrados profissionais, no terceiro ciclo (pós-graduação), têm a responsabilidade de supervisionar alunos do segundo ciclo e os alunos do segundo ciclo serão tutores dos estudantes de primeiro ciclo, nos bacharelados e licenciaturas interdisciplinares. Dessa forma, pretendemos promover formas de competição solidária ou solidariedade competitiva, já que avaliações processuais, escores e coeficientes de aproveitamento serão fundamentais para progressão entre os ciclos.

Finalmente, vamos usar tecnologias digitais de ensino-aprendizagem maciçamente, em todos os ciclos, onde couber expansão com qualidade. Aliás, um dos nossos conceitos de base é que, para superar o suposto dilema entre massividade *vs* qualidade, o uso ampliado e competente de novas tecnologias de imagem e som aplicadas aos processos metapresenciais de aprendizagem apresenta grande potencial. Em várias universidades no mundo, recursos educacionais abertos, como os “cursos abertos online massivos”, os chamados MOOCs (em inglês, *Massive Online Open Courses*) se tornaram grande sensação, cujos exemplos mais conhecidos são o *EdX* e o *Coursera*. Encontramos uma meta-análise de ensaios randomizados que, avaliando evidências em relação à eficácia desses modelos híbridos, relatam efeitos educacionais praticamente iguais aos modelos convencionais de educação presencial com pequenos grupos. A conclusão desse estudo é a seguinte:

“estamos convencidos de que sistemas interativos bem desenhados têm o potencial de alcançar impacto educacional equivalente, enquanto abrem a possibilidade de economizar recursos significantes, que podem ser reposicionados mais produtivamente”. Isso significa que, com o mesmo investimento de recursos, equipamentos e pessoal, é possível massificar, ampliar, abrir o acesso à educação superior sem perder qualidade”.³⁵

Gostaria de finalizar apresentando o nosso site, www.ufsb.edu.br, onde se encontram os dados da instituição, seu marco conceitual e, em breve, os projetos político-pedagógicos dos cursos, nossas chamadas públicas, e outras informações.

³⁵ UK. *The Maturing of the MOOC. Literature Review Of Massive Open Online Courses And Other Forms Of Online Distance Learning*. London: Department of Business, Innovation and Skills, September 2013. Disponível em: https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/240193/13-1173-maturing-of-the-mooc.pdf. Acesso em: 22 mar. 2014.

